

APRESENTAÇÃO

Justificar a importância das cidades, na actual fase de globalização, parece-nos desnecessário. Quase toda a informação que diariamente nos chega a casa se reporta a acontecimentos que ocorrem noutras cidades, algures num mundo onde parece já só existirem cidades. A cidade é invariavelmente o cenário da notícia, seja da mais hedionda guerra ou da mais singela estória de ternura. O nosso quotidiano informativo, esse parece viver suspenso entre cidades dispersas pelo mundo, articuladas entre si por redes de transporte que sobrevoam vastíssimos territórios, objecto de análise de canais de televisão dedicados à natureza e à vida selvagem. Se é certo que esta simplificação é exagerada, teremos todavia que aceitar que a importância da cidade na história da humanidade evolui sempre no sentido ascendente.

Nunca, como hoje, tantos homens e mulheres viveram em cidades, com toda a imprecisão que o conceito de cidade possua na classificação de muitos dos espaços onde a população consegue a custo sobreviver. A história da cidade é uma das grandes histórias de sucesso da humanidade. Se bem que construída com base na desigualdade e na injustiça, a cidade tem no entanto, ao longo do tempo, conseguido promover o desenvolvimento da mesma humanidade. Sendo certo, contudo, que os problemas que actualmente concentra são os mais graves e complexos que algum dia reuniu, continua a ser lugar de sonho e objecto de desejo para muitos. Curiosamente, a noção de cidade, nas três religiões do Livro, nunca esteve associada à ideia de paraíso. Ao paraíso está associada a imagem do campo. A cidade é um lugar à parte, onde o perigo e a tentação espreitam a cada porta. Mas é aqui que hoje se decide sobre quase tudo o que ocorre no mundo e que resulta da decisão do homem.

A cidade, como tema transversal a todas as ciências e muito particularmente às ciências sociais e humanas, tem absorvido desde há muito a atenção dos mais variados investigadores. O tema das cidades continua envolto num excessivo número de neologismos, de novos conceitos e antigas imprecisões e algumas verdades ultrapassadas. A dimensão, a complexidade e o dinamismo do objecto de estudo, têm desafiado até hoje a síntese e a estabilização de alguns conceitos.

A cidade é um tema que estimula simultaneamente a análise racional e a emoção de muitos dos seus intervenientes, sejam eles académicos, técnicos, políticos ou simples cidadãos. Todos temos um denominador comum: somos

utilizadores da cidade, sendo corresponsáveis no dia-a-dia pela forma como a cidade vai crescendo. Hoje, em Portugal, não valerá a pena continuar a insistir em que os grandes responsáveis pelo caos urbanístico das nossas cidades são o poder autárquico, os construtores civis ou o poder central, por incumprimento legal ou por falta de legislação. A realidade é que quase todos os que fazem a cidade no seu dia-a-dia têm a sua quota-parte de responsabilidade na desqualificação das nossas paisagens urbanas.

O tema “Cidades e habitats de inovação” que serviu de elemento de referência ao presente número da revista *GeoINova*, é mais uma oportunidade para reflectir sobre a cidade. Desejamos sinceramente que esta reflexão possa participar na formação de todos os seus leitores, para uma consciência mais crítica da cidade e da urbanidade que tão arredada tem estado de alguns dos nossos espaços quotidianos.

O presente número da revista estrutura-se em três níveis de análise. O primeiro conjunto de cinco artigos incide essencialmente em questões de inovação e de *habitat*. Um segundo grupo desenvolve questões relacionadas com a problemática da mudança ocorrida na cidade e por último, seis artigos que apresentam um vasto conjunto de casos de intervenção em espaço urbano.

A reflexão inicia-se com um artigo de Maria Júlia Ferreira, “A inovação nos habitats humanos e na organização das cidades”, onde se destaca a inovação, como o grande desafio assente em três componentes: o pensamento crítico, o pensamento estratégico e o pensamento transformador que vão influenciando a forma de pensar, organizar e intervir nos territórios urbanos.

Segue-se a “Inovação nas políticas urbanas – Modelos de regulação e sistemas de governança” de João Cabral, onde se questiona a articulação entre os objectivos do urbanismo e os processos de urbanização a par das dinâmicas de mercado, no contexto das formas emergentes de crescimento urbano.

Renaud Le Goix realiza uma análise dos condomínios fechados, como área de crescimento urbano, explorando as diferentes estratégias dos actores envolvidos. Evidencia a evolução destes enclaves e aprofunda o debate sobre o seu significado na paisagem urbana contemporânea e o seu impacto no processo de planeamento.

Maria Adelaide Carranca, no seu artigo intitulado “Uma cultura para a Sociedade do Conhecimento: contributos da cultura para a promoção das cidades como *habitats* de inovação”, questiona o papel da cultura na promoção das cidades. Reflecte sobre o cruzamento das variáveis: Sociedade do Conhecimento, inovação e cultura e os seus impactos nas cidades e no seu desenvolvimento urbano. Termina com um conjunto de sugestões de princípios de boas práticas para a cidade de Lisboa.

Ana Firmino, no artigo “A casa ecológica: inovação e desenvolvimento sustentável”, discute a casa ecológica decorrente da sabedoria popular, baseada em conhecimento empírico acumulado ao longo de gerações. Aliando a arte da arquitectura vernácula às novas tecnologias, nomeadamente no sector das energias renováveis, a casa ecológica agrada a todos por respeitar o ambiente, ser economicamente viável e, se inserida em programas de auto-construção, poder melhorar as condições de vida dos mais desfavorecidos.

Antoni Remesar compara as cidades de Barcelona e Lisboa no que se refere aos diferentes mitos que estiveram na origem da sua suposta fundação. Desta comparação, parte para a identificação de algumas semelhanças que ocorrem nestas duas cidades portuárias, ao nível da estatutária pública. Termina revelando um interessante conjunto de similitudes a uma escala de análise urbana de grande detalhe.

Nas “metamorfoses da cidade dispersa”, Margarida Pereira analisa as transformações físicas e funcionais do território metropolitano de Lisboa, conducentes à cidade distendida, descontínua, fragmentada e dispersa. Termina identificando os desafios para a gestão futura deste vasto território, sublinhando a necessidade de concertar estratégias, meios e acções ajustadas à realidade, visando perseguir patamares de competição e de sustentabilidade.

Ainda no quadro espacial da capital e da sua área metropolitana, Luís V. Baptista e João Pedro S. Nunes, no seu artigo “Portugal, Lisboa e a Metrópole”, centram-se nos modos como os territórios urbanos e metropolitanos se inserem na dinâmica económica mundial, sendo fortemente incidentes na produção (e reprodução) de desigualdades sociais. Tais modos constituem um importante factor na estruturação das actividades, bem como nos modos de vida das populações residentes. O artigo termina com uma reflexão sobre as metrópoles e os territórios urbanos portugueses.

Fernando Nunes da Silva, no seu artigo “Políticas urbanas para uma mobilidade sustentável: do diagnóstico às propostas”, desenvolve e conclui a sua exposição iniciada no artigo anterior, publicado na revista GeoINova nº9. Nesta segunda parte ultrapassa a reflexão sobre o diagnóstico e aponta um conjunto de políticas e medidas desejáveis e exequíveis em Portugal, já testadas noutros países, que poderão constituir parte substancial da solução para ultrapassar os ciclos viciosos e os estrangulamentos detectados.

“As condições de sustentabilidade da reabilitação urbana” é o tema desenvolvido por Luís Boavida-Portugal. Discute os princípios operativos em áreas urbanas históricas, destacando as orientações que possam contribuir para a regeneração da base económica e social local. Enuncia as condições de que depende a sustentabilidade do processo de reabilitação urbana.

O artigo “Requalificação urbana: o papel dos grandes projectos, o caso de Lisboa” da autoria de Luís Viana Baptista, começa por sintetizar as principais

transformações ocorridas na cidade de Lisboa entre 1985 e 2005, dando particular destaque ao projecto de intervenção da exposição mundial EXPO 98, hoje conhecido por Parque das Nações.

“Desafios e oportunidades da gestão das cidades – o caso de Angola” da autoria de Natália Ramos, Ana Neto e Maria Júlia Ferreira, levam-nos ao encontro de uma realidade urbana exterior à Europa, onde ocorrem actualmente processos de intensa urbanização informal, tornando mais complexa a gestão das cidades, nos moldes em curso nos países ocidentais.

Teresa Craveiro apresenta-nos “A retoma do planeamento estratégico 2001-2005 na cidade de Lisboa”, onde revela a visão estratégica para a cidade, que visa projectar Lisboa para posições mais elevadas no Ranking das melhores cidades para investir.

A encerrar, Maria Assunção Gato, com o seu artigo “Na ocasião dos eventos renovam-se cidades – os casos de Barcelona e Lisboa”, desenvolve e confirma que os grandes eventos internacionais como as Expos, os Jogos Olímpicos e também os Fóruns são, cada vez mais, importantes realizações catalisadoras de renovação urbana. Estes grandes eventos são a ocasião ideal para acrescentar novos fragmentos de cidade ao território das metrópoles, de acordo com novas formas de conceber, construir e habitar.

Por fim duas pequenas notas, uma sobre “Três singularidades de Lisboa – a propósito de uma entrevista”, e outra, de Emília Sande Lemos dá-nos a conhecer as principais reflexões do “II Congresso Ibérico de Didáctica da Geografia”.

Em jeito de despedida, uma palavra de profunda gratidão a todos os autores que colaboraram neste número da GeoINova, à sua actual directora, aos vários patrocinadores e demais ajudas de colegas e amigos que contribuíram para que esta revista de Geografia continue a crescer. A todos, obrigado e até uma próxima oportunidade de trabalhar em conjunto em prole da cidade.

nuno pires soares